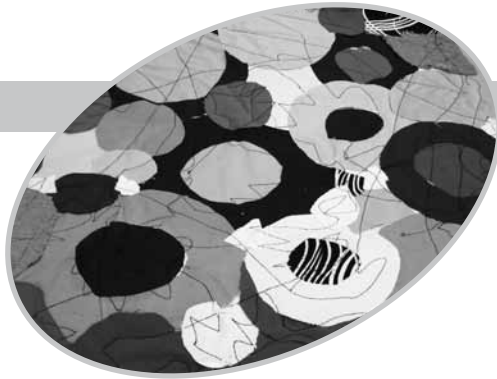


Saco de cebola, cultura do descarte e design



Denize Dall' Bello

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP)
Professora da Universidade Federal do Mato Grosso - MT
E-mail: dallbello17@gmail.com

Resumo: Desenhar e compor a partir de retalhos de malha, gravatas de seda descartadas, sacos de laranja ou lona emborachada *Pavé*. Esse é o nome para a coleção de bolsas e sacolas exclusivas confeccionadas pela Associação Mato Forte/Cuiabá/MT para minimizar o consumo local das sacolas de plástico. *Pavé*, do francês *paver*, quer dizer calçar, cobrir completamente. No latim, é *pavimentum* e significa terra, calçada e também mosaico. O trabalho faz uma leitura da proposta desenvolvida pela associação, em que se destacam as infinitas faces dos resíduos, a noção de cuidado com o entorno relacionada à estética e o olhar de Vilém Flusser sobre o design como artifício.

Palavras-chave: cultura do descarte, design, imagem, consumo.

Bolsa de cebolla, la cultura del descarte y diseño

Resumen: Es dibujar y componer a partir de retazos de tela, corbatas de seda descartadas, envoltorios de naranjas o de tela recubierta de goma. La Asociación Mato Forte de Cuiabá/MT para minimizar el consumo local de las bolsas de plástico, por medio del proyecto *Pavé*, del francés *paver*, es decir calzar, cubrir por completo, confecciona carteras y bolsas exclusivas. Por tanto, este trabajo presenta una lectura de la propuesta elaborada por la Asociación porque en esta se destacan las infinitas faces de los residuos, la noción de cuidado estético con el entorno relacionada con la visión de Vilém Flusser sobre el diseño como artifício.

Palabras clave: cultura del descarte, design, imagen, consumo.

Onion bags, discard culture and design

Abstract: Designing and composing from pieces of cotton fabric, discarded silk ties, orange bags or canvas. *Pavé* – that is the name given to the collection of bags and carrying bags exclusively produced by Mato Forte Association/Cuiabá/MT to minimize the local consume of plastic bags. *Pavé*, from the french word *paver*, which means to pave, to completely cover. In Latin it is said *pavimentum*, which means ground, pavement and also mosaic. The present work reads the project proposal developed by the Association, in which, it is highlighted the infinite faces of remnants, the notion of care with the surroundings related to the aesthetic and view of Vilém Flusser on design.

Keywords: discard culture, design, image, sustainability, consume.

Pavé é o nome para a coleção de bolsas e sacolas confeccionadas pela Associação Mato Forte¹, localizada em Cuiabá (MT), para minimizar o consumo local das sacolas de plástico. *Pavé*, do francês *paver*, quer dizer calçar, cobrir completamente. No latim, é *pavimentum* e significa terra, calçada, mosaico. Na página 220 do dicionário *Raízes e Cognatos da Língua Portuguesa*, o dicionarista Carlos Góes escreve: *pav*⁵ vide *pap*⁴. Curioso: *pap*¹ é pappear. Vê-se como o dicionário pode nos ajudar: está implícita na raiz *pav* que o fazer é um par composto de gesto e de fala. Visto que as artesãs da associação – costureiras e bordadeiras – conversam animadamente durante as oficinas de preparação para as novas bolsas, a língua não se engana. Esse breve exame da raiz etimológica ligada a revestimentos formados

Este trabalho foi apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos realizado na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, no período de 03 a 05 de maio de 2010.

¹ A Associação Mato Forte foi fundada em 2005 por Ulisses Calhao, Regina Auxiliadora Calhao, Eliete Maia Teixeira e Marta Bastos Catunda. A partir de reuniões comunitárias em bairros localizados na capital (Cuiabá) e em Várzea Grande, o grupo selecionou líderes comunitários, artesãos das comunidades para fazerem parte da associação com o objetivo de trabalhar com matérias recicláveis. Viu-se, nessa iniciativa, a possibilidade, também, de melhorar a renda dos associados.

por blocos reunidos e à vocalização é muito significativo para aqueles que estudam a cultura e os signos. Olhar a raiz dos vocábulos é olhar para o chão da cultura, é olhar para a superfície das sacolas.

Quando vi as novas sacolas e bolsas para o ano de 2010 feitas pela Associação Mato Forte, cuja motivação e pesquisa Ulisses Calhao – um dos fundadores do grupo – foi buscar nos sóis e círculos de Sonia Delaunay, comecei a pensar sobre o que elas parecem querer ilustrar. Trabalhar na associação não é, ocasionalmente, costurar e cortar, é, sobretudo, recolher coisas que não carregam mais as informações que antes carregavam: sacos de cebola, de laranja, de trigo, peças de carpete usadas, banners publicitários, embalagens de leite, embalagens de material de limpeza, retalhos de malha, gravatas de seda descartadas, lona emborrachada, imagens de raios-X, resíduos de material gráfico, etc. São as sobras. Na percepção de Vilém Flusser, os restos representam o inconsumível. Ele escreveu bem claro: isso é lixo vomitado, mal digerido, desinformado. Difícil não pensarmos sobre o chão da cultura. Difícil não nos perguntarmos sobre o chão da cultura sobre o qual pisamos. Há muitos chãos – no falar dos semioticistas. Todavia, com algumas armadilhas ou artificios, podemos captar aquele(s) onde vivemos. Para Flusser, o designer é, por excelência, um engendrador de armadilhas.



1. Bolsa *Pavé*. Material: resíduo de retalhos de tecidos diversos sobre peça de material gráfico.

Olhemos as bolsas. Elas são artificios culturais. Como superfícies portadoras de imagens, o que elas carregam? Os círculos e os sóis dos quais falei anteriormente. Esses signos imprimem ritmo, solaridade e colorido próprio aos restos de que foram feitas. Há luz no lixo, há cor e ritmo no descartável. É como se as devolvêssemos ao grande círculo que é a cultura. A cultura é caracterizada pelo movimento que dá às estruturas, aos hábitos constituídos. Por isso, os sóis e os círculos nas bolsas representam visualmente um conceito de cultura *re-cursiva*.

Estamos nos comunicando com símbolos que já apareceram em algum tempo e lugar na cultura e trazendo para o agora. Diálogos. Conversas entre o passado, o presente e o que poderá surgir. Quem correr os olhos pela representação da cabeça de Júpiter Ammon poderá lembrar-se muito do sol. Os cabelos ou dos cabelos da escultura do deus saem chamas ou raios ondulados. É um sol esquecido. Mas sobreviveu – como os sóis de Delaunay e os que surgirão dos retalhos desgastados, conforme a figura 1 acima.



2. João Santana na Associação Mato Forte, Cuiabá – Sacos de Cebola.

Usar símbolos nos fez humanos. Os princípios da cultura estão vinculados a eles. Roger Uchtmann, citando Marie König, escreveu sobre o surgimento das formas circulares na cultura humana. Ele recordou um achado muito antigo. No chão e no teto de uma caverna na França foi encontrada uma

dupla esfera contendo ranhuras e entalhes sobrepostos em forma de concha. Marie König interpretou a descoberta como uma evidência de que o nosso pensar fundamenta-se na percepção dos opostos. Isso mostrou aos homens primitivos que símbolos gerados são diferentes da natureza. Então, a fotografia 2 pode ser lida como uma representação de um conceito concreto do símbolo. Uchtmann escreveu: os símbolos eram inicialmente feixes amarrados que representavam as observações construídas pelo homem. Com sinais e símbolos puderam orientar-se no espaço e entenderem-se melhor. Ou – ainda, sugestivamente – essas centenas de sacos de cebola empilhadas em um canto na Associação não representariam, hoje, o acúmulo de símbolos desgastados? Que destino dar a elas ou a eles? Se Uchtmann se interessou pelos símbolos na comunicação humana, Aby Warburg interessou-se pela sobrevivência das imagens na cultura. Símbolo e sobrevivência – nossa e, por conseguinte, do próprio símbolo. Adiantado que – ainda que tenha realizado o curso de Letras – não fui buscar na Lingüística essa possibilidade de compreensão, como era de se esperar. Porque tinha lido o *Ritual da serpente* de Warburg, achei que se prestasse mais atenção à experiência desse estudioso da arte, isso permitiria uma compreensão maior de outro miolo dessa representação. Emoção e símbolo estão ligados. Controlamos o medo, quando criamos uma representação e trabalhamos simbolicamente sobre ela. Assim, o medo – que é uma emoção – é digerido pelo símbolo. Reparando no ritual da serpente dos Pueblo, Warburg entendeu, no ato, essa dinâmica: a serpente ziguezagueia no chão do deserto, o raio ziguezagueia no céu da tempestade. Como tocar o raio? Impossível. No seu lugar, os índios capturam a serpente – símbolo vivo. Ela é como o raio na terra. Vamos, então, ter uma idéia do símbolo. No contexto da obra de Warburg, a serpente – símbolo universal – sobrevive, porque contém os restos das experiências emocionais mais fortes da humanidade primitiva. Segundo Saxl, as formas simbólicas

se inventam nas profundezas da experiência humana. É desse modo que elas sobrevivem na memória das sociedades. Vemos, assim, que a *vitalidade* da cultura está em pegar com as mãos os animais ou os objetos (lembramos, uma vez mais, o ritual dos Pueblo



Difícil não nos perguntarmos sobre o chão da cultura sobre o qual pisamos

ou o trabalho dos artesãos na Associação) para depois representá-los conceitualmente, isto é, compreendê-los.



Que dizer dos peixes recortados das embalagens de amaciantes líquidos e colados

nas superfícies dos sacos de cebola? O peixe é o símbolo da profundidade. Entre outros sentidos, é também o símbolo da abundância. Em Cuiabá, – escreveu Marcelo Cesar Velasco e Silva – a possibilidade do desaparecimento do peixe no rio que leva o mesmo nome fez crescer sua força como símbolo. Sua mitificação nas festas dos ribeirinhos é evidente. A serpente, o peixe ou os círculos de Delaunay mostram que a nossa relação com o tempo passa pelos símbolos.

O lixo é o signo
do excesso –
resumiu
Vilém Flusser



Consideremos o plástico. Ele é maleável, flexível, artificial, substituível. Não é material caro, embora o petróleo o seja em muitas economias. O plástico encontra-se em abundância nos mercados, nas embalagens e em outras dezenas de lugares e em formas diversas. À sua maneira, é também muitíssimo resistente. A bolsa de cebola acima acolhe imagens de consumo e de símbolos culturais. Antes de aparecer assim, ela circulou nos espaços próprios das mercadorias. Como se vê: a nossa forma de viver é dada por símbolos que permanecem e pelo descartável. Poderíamos dizer, então, que na atualidade, o desejo de *esticar* a vida ou a pele tem sido bastante estimulado pela “idéia da transformação infinita” (Barthes, 2009:172) contida nesse material. Vivido no seu caráter mais negativo, temos a obsessão pela novidade e pela juventude. Reconhecendo o prosaísmo do plástico, Barthes disse: “o mundo inteiro pode ser plastificado e até mesmo a própria vida” (2009:175). Poderíamos dizer, por isso, que o texto de

Barthes sublinha a visível ligação entre o tempo, o potencial mágico do plástico e o símbolo. A força desse último está na sua capacidade de metamorfose, sobrevivência e desgaste – tal qual sugere a materialidade do polipropileno. O tempo é plasticidade.

Falar dos sóis órficos de Delaunay é falar um pouco, também, dos olhos. Porque falar da forma das coisas é falar dos olhos. São eles quem desenham a forma das coisas que, como se sabe, nos desenham. Com eles escapamos da realidade mais imediata. Os olhos têm esse poder. Os olhos de fora e os olhos de dentro. Estamos, certamente, falando da imaginação. A raiz do verbo imaginar é *im*, que no latim quer dizer *do mais fundo da alma*. Portanto, é o olhar interno que atribui sentidos às imagens, que dá vida a elas. Ele pertence ao universo do artifício. Durante todo o tempo, nós realizamos duas operações. A primeira: assimilamos imagens de fora, porque fomos sensibilizados pelo mundo. A segunda: criamos, transformamos, mutilamos as que trazemos internamente.

O etólogo Boris Cyrulnik, que estuda os vínculos da comunicação humana e dos animais, estuda também o artifício. Pelos relatos da etologia que pratica, aprendemos que todos os animais usam inúmeros artificios – odores, cores, posturas e movimentos, sons – para criar um encontro. O homem, por sua vez, também se beneficia dos cinco sentidos para *trocar*, e vai mais além: usa da palavra, da imagem. Com representações, pode fundir-se num mundo do *outro*, criando, deste modo, o sentimento de existência. Isso é o encantar-se – escreveu ele.

Por isso, quando Flusser escreveu sobre design, ele disse que isso é trabalho de projeção, de criação de *faces*, *fac-etats* – como as das bolsas – nada fáceis de realizar. Implica buscar saídas para um dado problema. O *fac* – raiz de fazer –, ao ser substituído por *fic*, originou os vocábulos *difícil* e *artifício*. Portanto, inverter o hábito do consumo desmedido é tarefa *difícil*; todavia, possível. Tudo o que se compra

envolve muita energia: extração de matéria-prima, fabricação, empacotamento, transporte dos produtos e venda. Nós reconhecemos bem o tipo de espaço gerado por essa lógica. Olhar o consumo e o lixo é olhar o nosso modo de pensar o entorno. É sustentável essa maneira de pensar? *Obstáculos de comunicação* – disse Vilém Flusser ao referir-se a relações e objetos projetados sem responsabilidade. Por último:



É só olhar a fotografia que nós logo vemos: as futuras sacolas são espaços. São artefatos semióticos. Elas são criadas não por um indivíduo, apenas, mas pela contribuição de muitas mãos. “Seu João Santana” corta o carpete que lavou. Ele limpou para recortar. “Seu João Santana” está realizando somente o corte? Ou isso seria uma operação semiótica? Então, a experiência que cada artesão e técnico vive na associação, as relações que cada um estabelece com a cidade e a visão do ambiente onde vivem estarão projetadas nas sacolas finais. Trata-se de trabalho com o material não consumido. Operação com signos cotidianos. Imagens. Qual é a matéria-prima das sacolas? Lixo, restos da cultura, códigos. O lixo é o signo do excesso – resumiu Vilém Flusser. *Hab* é hábil, habitat. É debilitar. Dominando a cena, está um *homem* debruçado sobre um pedaço de carpete bem colorido, debilitado. Com habilidade, “Seu João Santana” *organiza* a matéria signica.

(artigo recebido mar.2011/aprovado mai.2011)

Referências

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- CYRULNIK, Boris. *Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FLUSSER, Vilém. *Natural: Mente*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- FLUSSER, Vilém. “A consumidora consumida (isto é: a mulher vista pela sociedade que a faz consumir e que a consome)”, *Comentário*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 51, 1972, p. 35-46.
- SILVA, Marcelo César Velasco. “*Petchada Cuaibana*”: *regionalismo nas artes visuais em Mato Grosso*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.
- SAXL, Fritz. “La visita de Warburg a Nuevo Méjico”. In: SAXL, Fritz. *La vida de las imagenes*. Madrid: Alianza Forma, 1989.
- UCHTMANN, Roger. *A cruz e o quadrado do círculo mundial: observações acerca das idéias e a história cultural de um símbolo*. Disponível em <http://www.cisc.org.br/biblioteca/quadratura.pdf>. Acesso em 17/02/2010.
- WARBURG, Aby. *El ritual de la serpiente*. México: Editorial Sexto Piso, 2004.
- WULF, Christoph. *Imagem e Fantasia*. Disponível em <http://www.secsp.com.br/ses/hotsites/imagemviolencia/fugacidade.htm>. Acesso em 30/11/2001.

